

O MÉTODO FENOMENOLÓGICO NO PROCESSO TERAPÊUTICO DE ABORDAGEM CENTRADA NO CLIENTE

Antônio Sérgio da Costa NUNES
Departamento de Filosofia da UFPA.

RESUMO: A Fenomenologia, tal como proposta por Husserl, pretende chegar ao conhecimento da essência dos fenômenos por intermédio de um método caracterizado pelo rigor, tendo como pressuposto básico a apreensão significativa do ato intencional. No processo terapêutico da abordagem Centrada no Cliente, envolvendo terapeuta e cliente, a experiência de apreensão nesta relação manifesta-se por meio de sentidos e da expressão verbal. É esta experiência de sentidos que o método procura delimitar no âmbito de apreensão que se estabelece entre terapeuta e cliente.

PALAVRAS-CHAVE: fenomenologia, ato intencional, existencialismo.

PHENOMENOLOGICAL METHOD AND THERAPEUTIC PROCESSES INVOLVED IN THE CLIENT-CENTERED APPROACH

ABSTRACT: According to Husserl, the aim of phenomenology is to acquire knowledge of the essence of phenomenon through the use of a rigorous method which assumes reliable comprehension of intentional acts. During the therapeutic process involved in the Client-Centered approach, experiential understanding manifests itself through the senses and verbal expression. In particular, through sensory experience, the method attempts to delimit the scope of understanding established between therapist and client.

KEY-WORDS: phenomenology, intentional action, existentialism.

Na abordagem Centrada no Cliente, o processo terapêutico, enquanto relação de vivências - sentimentos, emoções, propósitos, expectativas, etc ... - experienciais (de caráter organístico, voltado para a pessoa de forma visceral) estabelecido entre terapeuta e Cliente, apresenta-se como fenômeno existencial e não cognitivo, como ocorre no conhecimento de estrutura positivista, que ao reduzir o fenômeno a um objeto, distorce e falsifica esta relação. Há muito se sabe que a ciência é um discurso válido quanto qualquer outro (veja-se Nietzsche, Foucault e outros) e que enquanto método não abarca todos e quaisquer fenômenos. Desta necessidade, surge um método filosófico rigoroso instaurado por Edmund Husserl (1859-1938) que, indubitavelmente, trouxe ao conhecimento um novo trato e uma nova justificação, que conjugado a uma nova atitude perante o mundo, legado por Martin Heidegger (1889-1976), revelou-se eficaz e consistente: a Fenomenologia e a Analítica Existencial. Ferramentas estas que cinzelarão o traçado por cujas linhas teóricas este trabalho será delimitado.

RELAÇÃO SIGNIFICATIVA

A terapia considerada enquanto "relação significativa", apresenta em sua forma fenomênica uma série de fatores de ordem metodológica, tais como: a redução fenomenológica, variação imaginária e apreensão. Assim como fornece uma descrição mais clara e um maior rigor constitutivo da experiência.

O que vem a ser, existencialmente, a experiência vivencial da relação interpessoal? Como ela se efetiva? A fenomenologia visará, por meio da ontologia heideggeriana, esclarecer os modos pelos quais somos enquanto seres vivos e experienciadores.

A existência do homem é a sua "substância", e esta substância enquanto essência do ser-aí está fundada em seu existir. Segundo Heidegger (1981) o "eu" caracteriza a essência do ser-aí existencialmente de forma explicitada enquanto ser-no-mundo. Este mundo que aí já existe, aprioristicamente, constitui-se de "entes envolventes", que são objetos de função utilitária que propiciam o encontro com os outros: um livro que se usa foi comprado numa dada livraria e nos foi dado por tal e tal pessoa. Observa-se, a partir daí, que todas as coisas são encontradas advindas de um mundo onde elas eram "entes envolventes" para os outros. Esta análise permite distinguir que o ser-aí (**DASEIN**) que desvela o mundo não é "entes envolventes", isto é, "presença simples e objetivada" da natureza. Assim como os outros que por intermédio dos "entes envolventes" vêm ao encontro do dasein, não se confundem com os "entes envolventes", ao contrário, "são como é o verdadeiro ser-aí que os desvela, são aí também, e aí-com" (Heidegger, 1927: apud Heidegger, 1981). O ser-aí-com dos outros e o ser-com cotidiano, todos nós, ninguém: um enfoque fenomenológico do social (Heidegger, 1981).

Todo esse estofa analítico, ao cerzir esta exposição, visa articular o método que parte da experiência vivencial com uma determinada atitude perante o mundo, a fim de constituir teoricamente uma base, diga-se, epistêmica, da abordagem Centrada na Pessoa. Alguns "cientistas do comportamento" desprezam tal método pelo fato de não se erigir enquanto "paradigma científico", segundo os padrões herdados da Ciência Natural. Mas, dar-se-á continuidade a fim de alcançar o eixo convergente desta tentativa de fundamentação.

Heidegger, ao caracterizar o encontro do ser-aí (**DASEIN**) com os outros: "o mundo é sempre algo que eu partilho com os outros (mitsein)" (Heidegger, 1927: apud Heidegger, 1981). O ser-aí-com dos outros e o ser-com cotidiano, todos nós, ninguém: um enfoque fenomenológico do social (Heidegger, 1981). Esses outros, ao emergirem do mundo no qual o ser-aí habita, referem-se a ele por meio do cuidar, isto é, do zelo que por meio da solicitude vai de encontro ao outro. Esta solicitude refere-se àquela que se antecipa ao encontro do outro em sua existencial possibilidade para-ser, que é "um modo em que não se protege o outro, mas em que antes disso, faz-se com que ele se volte para si mesmo autenticamente, como pela primeira vez. Esta solicitude pertence a um cuidar: ele salva o outro para torná-lo transparente a si mesmo em seu cuidar e para torná-lo livre para si" (Heidegger, 1927: apud Heidegger, 1981). O ser-aí-com dos outros e o ser-com cotidiano, todos nós, ninguém: um enfoque fenomenológico do social (Heidegger, 1981). A solicitude manifesta um estado do ser-aí, que está ligado a partir de suas diferentes possibilidades com o seu ser em relação ao mundo de seu cuidado e, do mesmo modo, com seu autêntico ser em

relação a si mesmo.

O ser-aí que por meio da solicitude vai ao encontro do outro, explicita a mundaneidade como totalidade de referência significativa. Esta significação está imbricada no existencial "ser-para-os-outros", que pode ser um abrir-se ou fechar-se do ser-aí no ser-com-os-outros. O desvelamento dos outros na solicitude do "ser-aí", chama-se empatia, isto é, o estabelecimento de uma relação de ser do ser-aí para o ser-aí.

Com base nesta ontologia existencial, a Psicologia Centrada no Cliente, no processo terapêutico, manifesta-se como relação de mútua abertura entre o terapeuta e o cliente. O cliente que num espaço físico é entendido na amplitude da voz do terapeuta, também, refere-se a este terapeuta e deste modo apresentam-se transparentes um para o outro (terapeuta e cliente). Nas vivências cotidianas, o conteúdo da experiência do terapeuta é transmitido ao cliente e o deste àquele. Ao compartilharem o propósito de um revelar-se ao outro, o terapeuta poderá levar o cliente a entender a sua perspectiva e, do mesmo modo, o terapeuta, a dele.

Pode-se, ao considerar a terapia numa relação significativa, estabelecer três hipóteses que ROGERS (1991) considera fundamentais:

1. "A aceitação do cliente pelo terapeuta conduz a uma maior aceitação de si próprio por parte do cliente.
2. Quanto mais o terapeuta apercebe o cliente como uma pessoa, tanto mais o cliente se apreende a si mesmo como uma pessoa e não como um objeto.
3. Ao longo do tratamento terapêutico, dá-se no cliente um tipo de descoberta de si experiencial e eficaz" (ROGERS, 1991: capt. VIII).

ESTRUTURA METODOLÓGICA

O ser-no-mundo (in-der-welt sein) é também o experienciador que dá e recebe significação. Procura compreender algo, isto é, pretende tornar significativa uma determinada situação e, ao compreender, transmite ao outro o que compreende. Esta é a essência do conhecimento.

Para transmitir com clareza um acontecimento que se constitui de vários estamentos, revelar as várias significações que ele compreende, faz-se necessário perceber claramente as experiências dos participantes, cujas intenções e percepções formam as significações do evento. Devem ser capazes de expor suas experiências, a fim de que estas sejam claramente percebidas por esse alguém. E de que modo se pode ser sistemático e rigoroso, a fim de comunicar o conteúdo de tal experiência? É difícil lidar com as pessoas no dia-a-dia e sermos compreendidos, há sempre uma certa incompreensão. De que modo pode-se superar a incompreensão, os hiatos da comunicação, os mal-entendidos? Sabe-se que o experienciar habitual está sujeito aos erros, à estreiteza, à tendenciosidade e aos preconceitos. Naturalmente se está preso à análise do senso comum e, tão somente, por meio de um esforço cognoscitivo é que se poderá chegar à clareza e ao

discernimento. E, para que isso ocorra numa relação terapêutica Centrada no Cliente é necessário que se utilize alguns elementos metodológicos delineados por E. Keen (1979): a **INVESTIGAÇÃO**, que recria na experiência do terapeuta a experiência do cliente, na medida em que o escuta, o ajuda a falar; a **COMUNICAÇÃO**, em que o terapeuta aprende a como falar e a como ajudar o cliente a ouvir; e o **CONHECIMENTO**, que se dá numa relação interpessoal, a partir de um contexto especial e único.

A fim de evitar mal-entendidos, é preciso que haja transparência na relação interpessoal, é necessário que entre terapeuta e cliente o conhecimento seja recíproco. É indispensável que entre ambos, o afeto, medo ou simpatia seja conhecido. A comunicação não se dá apenas por meio de verbalização, muitas vezes o que se oculta, o que fica implícito, aquilo que se exclui, os gestos, a expressão facial, etc, proporcionam a comunicação em vários níveis de significação.

O terapeuta da abordagem Centrada no Cliente tenta ver um acontecimento de várias formas, isto é, ele o visa de diversas maneiras, o que lhe proporciona a extração de várias significações de um mesmo evento e tenta tornar explícitas estas significações, procurando organizar uma compreensão em torno do contexto de significação essencial: a mundaneidade, o ser-no-mundo, sua relação consigo, com os outros e com os entes envolventes.

Para objetivar e dar maior sistematicidade a este empreendimento, recorre-se a três etapas básicas: (1) à redução fenomenológica, (2) à variação imaginária ou aos diversos modos de visar ao fenômeno e (3) à apreensão, ou seja, os significados que o fenômeno expressa.

(1) **REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA** - é uma atitude perante o conhecimento, afetando toda a transcendência, desconectando-se de tudo aquilo que se possa constituir enquanto objeto de conhecimento. Impondo um índice de indiferença, de nulidade gnosiológica que segundo Husserl: "não me importa aqui absolutamente nada a existência de todas estas transcendências, quer eu nela creia ou não; aqui, não é o lugar de sobre ela julgar; isso fica completamente fora de jogo" (HUSSERL, 1907: apud Husserl, 1990).

A partir da epoché, realiza-se uma abertura consciente e ativa do ser-aí com o fenômeno. Ver o fenômeno em si, é desconectar-se de idéias preconcebidas, vê-lo por si mesmo com sua própria significação e estrutura, na sua evidência.

(2) **VARIAÇÃO IMAGINÁRIA** - enquanto modos diversos de visar ao fenômeno, faz parte das vivências intencionais do dasein (as cogitationes); "estados psíquicos enquanto fenômeno da consciência, por nós diretamente experimentados ou vividos, mantendo uma forma de relacionamento imediato, através da direção, da orientação." (cf. NUNES, 1967, capt. X), possuem uma intenção, uma direção, visam a algo, referem-se de um modo ou de outro a uma objetividade. Elucidar a essência deste conhecimento é trazer a autopresentação as relações de essência que a ele pertencem. É

investigar por todos os lados, prescrutar esta referência que corresponde à essência do conhecimento.

"E aqui residem os enigmas, os mistérios, o problema em torno do sentido último da objetividade do conhecimento e entre eles o da sua apreensibilidade, quando é o conhecimento judicativo e o da sua adequação quando é evidente" (HUSSERL, 1907: apud Husserl, 1990).

Deste modo, existem várias maneiras de se ver um acontecimento. Cada ponto de vista é uma possibilidade que reflete maneiras de se visar a um acontecimento na tentativa de apreender o que significa o fenômeno total.

(3) **APREENSÃO** - que emerge do fenômeno - é uma articulação de significações. As pessoas agem ou são influenciadas, já experienciam a ação como sendo significativa. Numa análise fenomenológica deve-se descrever o acontecimento a partir de suas significações.

Deste modo a Psicologia Centrada no Cliente deverá apresentar apreensões sistematizadas, evitando assim qualquer casualidade, sem excluir sua permanente abertura ao acontecimento em sua estrutura e presença únicas, a fim de não o enquadrar em alguma teoria que possa eliminar outras perspectivas.

Esses três fatores são modos de assegurar a clareza das significações. Seu empreendimento é bastante árduo e, simultaneamente, uma auto-análise. Seu resultado é compensador, de acordo com os vários depoimentos apresentados por aqueles que se dedicam a este empreendimento. (Verificar Gomes et al. (1988) e Amatuzzi et al. (1991)).

Em linhas gerais, visualizou-se, a partir de uma articulação teórica, a relação que se dá entre o que pode ser vivido, não apenas num processo terapêutico, como também num processo de cotidianidade e o que assegura consistência e percuciência numa relação de ajuda através de uma base filosófica fundamentada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMATUZZI, M. A., SOLYMOS, G. M. B., ANDO, C., BUSCARIN, C. B. S., COSTABILIE, C. O sentido que-faz-sentido: uma pesquisa fenomenológica no processo terapêutico. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 1-12, 1991.
- GOMES, W. B., RECK, A. C., GANZO, C. R. A Experiência retrospectiva de estar em psicoterapia: um estudo empírico fenomenológico. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 4, n. 3, p. 187-206, 1988.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo - todos nós, ninguém*: um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Moraes, 1981.
- HUSSERL, E. *Idéias de Fenomenologia*. Lisboa: Ed. 70, 1990.

KEEN, E. *Introdução à Psicologia Fenomenológica*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.

NUNES, B. *Filosofia contemporânea*. São Paulo: Buruti, 1967.

ROGERS, C. *Tornar-se pessoa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1991.

SEMELHANÇAS CONSANGÜÍNEAS E ESTIMATIVAS DA HEREDITARIEDADE DE CANHOTISMO EM FAMÍLIAS PARAENSES.

William Lee Berdel MARTIN
Curso de Mestrado em Psicologia.
Departamento de Psicologia
Experimental da UFPA.

RESUMO: Derivaram-se estimativas de hereditariedade (h^2), segundo o procedimento ajustado para dimorfismo sexual de FALCONER, para que se averiguasse o modelo genético que fosse mais relevante, como explicação da transmissão familiar de canhotismo. Obtiveram-se dados sobre preferência manual em 6778 proles de 2229 famílias paraenses, que, uma vez analisados, revelaram quatro tendências principais: 1) os genitores canhotos produziram mais proles canhotas do que genitores destros; 2) o traço ocorreu com frequência maior dentre a progênie do que entre os pais; 3) um excesso de canhotismo masculino apareceu em ambas gerações; 4) não se encontrou qualquer efeito unicamente materno. Os valores de h^2 indicam um input genético substancial tanto paterno quanto materno. Por extensão, julgam-se conceitualmente falíveis as premissas de causalidade aleatória, inerentes na teoria RS de ANNETT. Embora compatíveis com um modelo de limiares multigenéticos, os resultados ainda não permitem quaisquer induções definitivas. Segundo a admoestação de PETERS (1990a), induções viáveis quanto ao mecanismo genético, requerem, de antemão, uma ampla compreensão das co-variáveis entre os fenótipos motores-mânuais: os de proficiência e de preferência.

PALAVRAS-CHAVE: genética do comportamento, preferência manual, destrimanismo, canhotismo, dimorfismo sexual, herança unicelular e poligenética.

CONSANGUINEOUS RESEMBLANCE AND HEREDITABILITY ESTIMATES OF LEFT-HANDEDNESS IN PARAENSE FAMILIES.

ABSTRACT: Heritability estimates (h^2), were derived from FALCONER'S procedure, adjusted for sexual dimorphism, in order to ascertain which genetic model may be relevant in accounting for familial inheritance of left-handedness. Handedness data, obtained for 6778 families, were analyzed, and revealed four main trends: 1) left-handed parents produced proportionally more sinistral offspring, than dextral parents; 2) the trait occurs more often among offspring than parents; 3) excess male sinistrality appears in both generations; 4) no unitary maternal effect was found. Estimates of h^2 indicate a substancial genetic input from both parents. By extention, random causality premises, inherent in ANNETT'S RS theory, are judged to be conceptually flawed. Although results are compatible with a multigenetic threshold model, at present, no definitive inductions may be derived. In accordance with PETERS' (1990a) admonition, viable inductions of genetic mechanism, require, beforehand, a thorough understanding of covariations between the proficiency and preference motor-manual phenotypes.

KEY WORDS: behavioral genetics, handedness, right-handedness left-handedness, sexual dimorphism, single cell and polygenetic, inheritance.

Há três conjuntos repetitivos de observações sobre a demografia de lateralidade humana que dão respaldo formidável à tese de que o desenvolvimento de assimetrias nos sistemas neuromotores (os mediadores de assimetrias na preferência manual-PM) é geneticamente predisposto, a saber: continuidade diacrônica, constância sincrônica e dimorfismo sexual. Citações da literatura bíblica e não bíblica (e.g. Juízes 20:15; BROWNE, 1647, ap. BARSLEY, 1966), e análises de obras de arte (COREN & PORAC, 1977; DENNIS, 1958; SPENNEMANN, 1984a) relatam uma predominân-